



PONTIFICIA  
UNIVERSITÀ  
GREGORIANA

*Istituto di Antropologia*



\*English Version

**Luke 1:26-38**

**(March 25<sup>th</sup> 2026)**

A provocative question: Why did God come into the world as a child and not as an adult, mature human being who could have immediately begun to change the world? Why wait more than 30 years until the work of redemption reached its climax in death and resurrection? Why didn't God come with great fanfare, with all the hosts of heaven and other supporting forces, to free the world from tyrants and oppressors as quickly as possible and end human suffering? Why the detour via the angel, the visit to Mary with the announcement and declaration of intent? Couldn't it all have been done more quickly, more effectively, more efficiently?

These questions seem to have always existed in one form or another, considering those passages in the Gospels where Jesus is mistaken for a worldly ruler and people expect him to behave and act in the manner they are accustomed to. However, he repeatedly distances himself from this when he says that his kingdom is not of this world (John 18:36); that it should be different for the disciples than for the powerful of this world (Mark 10:43); when he does not call for rebellion, but does the opposite by telling Peter to put his sword back in its sheath when he is arrested (John 18:11).

It is sometimes difficult to bear and endure this way of thinking in processes, in categories of nonviolence, persuasion, communication, sustainability in the sense of inwardness and deepening, which Jesus displays. Even the law is to continue to apply, every jot and tittle (Matthew 5:18), instead of him simply daring to break with it and rejecting everything wholesale for a new beginning. Can this be the right role model for someone who wants to fight abuse, stand uncompromisingly on the side of those affected and act in their interests, who does not like excuses when it comes to uncovering deeds and ending cover-ups? Can Jesus and his story be a role model for safeguarders?

Safeguarding requires an understanding of the context. It is not enough to focus on the individual perpetrator or the individual victim of abuse. Both perpetrators and victims are embedded in a complex web of relationships and structures. Both perpetrators and victims have friends, colleagues, and relatives, and they have social roles in institutions, such as schools, workplaces, churches, etc. They are shaped by their membership in social classes and groups, as well as by

*All rights reserved IADC*

IADC - Interdisciplinary Studies on Human Dignity and Care

Villa Malta Via di Porta Pinciana 1, 00187 Rome Italy

Tel. +39 0683653084 – [iadc@unigre.it](mailto:iadc@unigre.it)

[www.iadc.unigre.it](http://www.iadc.unigre.it)

their educational background. They move and act in public space according to a certain social agreement. Seen in this light, abuse does not happen in a vacuum, but is itself located within a system of interrelated people, structures, and processes. Anyone who intends to combat and prevent abuse must confront this system. Selective interventions alone will ultimately come to nothing.

Influencing and changing a system in terms of abuse prevention means taking a different approach. We must proceed in the same way that the story of salvation developed around the person of Jesus himself. Three points can be highlighted from those outlined above. First, communication.

Only by talking to each other can we understand each other, and only those who understand others will be willing to pull together (in this case, toward prevention) despite all their differences. Second, consensus. With mutual agreement on a common goal, motivation can be sustained over the long term. This motivation will remain even when things become difficult, complicated, and conflictual. Thirdly, development and process orientation. Life is too dynamic for a certain state to be fixed once and for all. With a willingness to develop oneself and the cause of prevention, one can respond to changing circumstances, adopt positive perspectives, and align oneself with corresponding visions.

Jesus renewed the whole world from the ground up without destroying it, using the principles of communication, consent, and development. On this basis, safeguarding professionals should be able to positively strengthen, if not the whole world, then at least the body of Christ, the institutional structure of the church, in terms of abuse prevention.

### **Questions**

How do I deal with frustrations, setbacks, and periods of stagnation in the context of my safeguarding efforts? How can I develop resilience in this regard?

### **Prayer**

Lord Jesus Christ, you changed the world with patience, strength, and a view of the whole. Let us share in this patience and strength as we strive to make the church a safe place for all people.

**\*Versão em português**

**Lucas 1:26–38**

**(25 de março de 2026)**

Uma pergunta instigante: por que Deus veio ao mundo como uma criança, e não como um adulto, um ser humano plenamente maduro que pudesse começar imediatamente a transformar o mundo? Por que esperar mais de trinta anos até que a obra da redenção alcançasse o seu ápice na morte e na ressurreição? Por que Deus não veio em glória, com seus exércitos celestiais, para libertar o mundo dos tiranos e opressores de uma vez por todas, pondo fim ao sofrimento humano? Por que esse anúncio se deu por meio da aparição de um anjo a Maria? Não poderia tudo ter sido realizado de forma mais rápida, direta e eficiente, sem tantos rodeios?

Essas perguntas, de um modo ou de outro, parecem acompanhar desde sempre a leitura dos Evangelhos. Em várias passagens, Jesus é confundido com um governante terreno, e as pessoas esperam que ele aja como tal. No entanto, ele se esquivava repetidamente dessa expectativa: afirma que o seu reino não é deste mundo (João 18:36) e ensina que, entre os seus discípulos, não deve ser seguida a lógica dos poderosos deste mundo (Marcos 10:43). Além disso, em vez de convocar à rebelião, faz exatamente o contrário: quando é preso, diz a Pedro que guarde a espada na bainha (João 18:11).

Às vezes, é difícil acolher e sustentar esse modo de pensar em termos de processos - baseado em categorias como não violência, persuasão, comunicação, interioridade - que Jesus manifesta. Segundo ele, até mesmo a Lei permanece válida (“nem uma letra e nenhum acento serão retirados”, Mateus 5:18), em vez de ser simplesmente descartada em favor de um novo começo. Mas será esse o modelo mais adequado para quem deseja combater abusos, posicionar-se firmemente ao lado das pessoas afetadas e agir em sua defesa? Para aqueles que não admitem concessões quando se trata de revelar fatos e pôr fim aos acobertamentos, Jesus e a sua trajetória podem servir de referência no trabalho de Safeguarding?

O *Safeguarding* exige a compreensão do contexto. Não basta concentrar-se apenas no agressor individual ou na vítima individual de abuso. Tanto agressores quanto vítimas estão inseridos em uma complexa rede de relações e estruturas. Ambos têm amigos, colegas e familiares, e desempenham papéis sociais em instituições como escolas, locais de trabalho, igrejas etc. São moldados por essa pertença a classes e grupos sociais, bem como por sua formação. Movem-se e agem no espaço público de acordo com certos pactos sociais. Visto sob essa perspectiva, o abuso não acontece no vazio, mas está inserido em um sistema de pessoas, estruturas e processos interligados.



Quem pretende combater e prevenir abusos precisa enfrentar esse sistema. Intervenções pontuais, por si só, acabam não surtindo efeito. Influenciar e transformar um sistema no que diz respeito à prevenção de abusos significa adotar uma abordagem diferente. Precisamos agir da mesma forma como a história da salvação se desenvolveu em torno da pessoa de Jesus. Três pontos podem ser destacados:

Primeiro, a comunicação. Só conversando uns com os outros podemos nos compreender, e apenas quem compreende o outro estará disposto a caminhar junto (neste caso, em direção à prevenção), apesar de todas as diferenças. Segundo, o consenso. Com um acordo mútuo em torno de um objetivo comum, a motivação pode ser sustentada a longo prazo - mesmo quando as coisas se tornam difíceis, complexas e conflituosas. Terceiro, o desenvolvimento e a orientação para o processo. A vida é dinâmica demais para que um determinado “*manual*” seja estabelecido de uma vez por todas. Com disposição para crescer e desenvolver a causa da prevenção, é possível responder às circunstâncias, adotar perspectivas positivas e alinhar-se a visões correspondentes.

Jesus renovou o mundo a partir de dentro, sem destruí-lo, recorrendo aos princípios da comunicação, do consenso e do desenvolvimento. À luz dessa perspectiva, espera-se que os profissionais de safeguarding sejam capazes de promover um fortalecimento positivo na prevenção de abusos, gerando impacto - se não no mundo inteiro - ao menos no corpo de Cristo, isto é, na estrutura institucional da Igreja.

### **Perguntas**

Como lido com frustrações, retrocessos e períodos de estagnação no contexto dos meus esforços de Safeguarding? Como posso ser mais resiliente nesse sentido?

### **Oração**

Senhor Jesus Cristo, tu transformaste o mundo com paciência, força e um olhar voltado para o todo. Concede-nos participar dessa paciência e dessa força enquanto nos empenhamos para tornar a Igreja um lugar mais seguro para todas as pessoas.

**\*Versión en español**

**Lucas 1, 26-38**

**(25 de marzo de 2026)**

Una pregunta provocadora: ¿por qué Dios vino al mundo como un niño y no como un adulto maduro que lo transformara de inmediato? ¿Por qué esperar más de treinta años hasta que la obra de la redención alcanzara su culmen con la muerte y la resurrección? ¿Por qué no vino desde el inicio con bombos y platillos, y con todos los ejércitos del cielo, para liberar lo antes posible al mundo de tiranos y opresores y poner fin al sufrimiento humano? ¿Por qué realizar todo ese recorrido a través del ángel, la visita a María, la anunciación y la manifestación de su voluntad? ¿No podría haber sido todo más rápido, más eficaz y eficiente?

Preguntas así parece que han existido siempre si tenemos en cuenta aquellos pasajes de los Evangelios en los que se confunde a Jesús con un gobernante mundano, y se espera que se comporte y actúe como tal. Sin embargo, él se desmarca de ello una y otra vez cuando dice que su reino no es de este mundo (Jn. 18, 36); que entre los discípulos debe ser diferente a como es entre los poderosos de este mundo (Mc. 10, 43); y que no llama a la rebelión, sino que hace lo contrario al pedirle a Pedro, durante su detención, que vuelva a meter la espada en la vaina (Jn. 18,11).

A veces, resulta difícil aceptar y sostener esta forma de pensar —que Jesús pone de manifiesto—, en términos de procesos y categorías de no violencia, persuasión, comunicación, sentido de interioridad y profundización. Incluso la ley debe seguir aplicándose hasta “la última letra o tilde” (cf. Mt. 5,18), en lugar de arriesgarse a romper con ella para comenzar de cero. ¿Puede esto ser el modelo adecuado para quienes quieren combatir el abuso, estar del lado de las víctimas sin concesiones y actuar en su favor, sin aceptar excusas cuando se trata de sacar a la luz los hechos y poner fin al encubrimiento? ¿Pueden Jesús y su historia ser un modelo para quienes se dedican al *safeguarding*?

El *safeguarding* exige comprender el contexto. No basta con centrarse únicamente en el agresor o en la víctima de abuso. Tanto los agresores como las víctimas se insertan en un entramado complejo de relaciones y estructuras. Tanto unos como otros tienen amigos, colegas y familiares, y desempeñan roles sociales en instituciones como la escuela, el lugar de trabajo, la iglesia, etc. Están marcados por su pertenencia a clases y grupos sociales, así como por su formación. Se mueven y actúan en el espacio público según un determinado consenso social. Visto así, el abuso no ocurre en el vacío, sino que debe situarse en un sistema de personas, estructuras y procesos que interactúan entre sí. Quien pretenda combatir y prevenir el abuso debe enfrentarse a este sistema. Las intervenciones meramente puntuales, al final, no llevan a nada.

Influir y transformar un sistema en el sentido de la prevención del abuso significa reorientar su enfoque. Hay que actuar tal y como se desarrolló el acontecimiento de la salvación en torno a la persona de Jesús. A partir de los puntos que ya se han esbozado anteriormente, cabe destacar tres. En primer lugar, la comunicación. Solo si hablamos entre nosotros podemos entendernos, y solo quien entiende a los demás estará dispuesto a remar en la misma dirección (en este caso, la prevención), a pesar de todas las diferencias. En segundo lugar, el consenso. Cuando existe un acuerdo compartido sobre un objetivo común, se puede mantener la motivación de forma duradera. Esta se mantiene incluso cuando la situación se vuelve difícil, compleja o conflictiva. En tercer lugar, el desarrollo y el proceso. La vida es demasiado dinámica como para que un determinado estado pueda fijarse para siempre. La disposición a seguir desarrollándose, tanto a nivel personal como en el ámbito de la prevención, permite responder a los cambios, adoptar perspectivas positivas y orientarse hacia visiones adecuadas.

Jesús renovó el mundo desde sus cimientos en gran medida gracias a los principios de comunicación, consenso y desarrollo, y lo hizo sin destruirlo. Sobre esta base, también los responsables del *safeguarding* pueden aspirar, si no a transformar el mundo entero, al menos a fortalecer positivamente el cuerpo de Cristo, la estructura institucional de la Iglesia, en la prevención del abuso.

### **Preguntas**

¿Cómo puedo afrontar las frustraciones, los reveses y los momentos de estancamiento en mi trabajo de *safeguarding*? ¿Cómo puedo crecer en resiliencia ante estas situaciones?

### **Oración**

Señor Jesucristo, Tú transformaste el mundo con paciencia, fortaleza y una mirada capaz de abarcarlo todo. Concédenos participar de esa paciencia y fortaleza para que podamos en nuestro trabajo hacer de la Iglesia un lugar seguro para todos.

**\*Versione italiana**

**Luca 1, 26-38**

**(25 marzo 2026)**

Una domanda provocatoria: perché Dio è venuto al mondo come bambino e non già adulto? Perché non come un uomo maturo che avrebbe potuto iniziare immediatamente a cambiare il mondo? Perché aspettare più di trent'anni perché la sua opera di salvezza raggiungesse il culmine, con la morte e la resurrezione? Perché Dio non è intervenuto subito con tutta la sua potenza, circondato dalle schiere celesti e da tutta la sua armata, per liberare il mondo dai tiranni e dagli oppressori e porre fine alle sofferenze dell'umanità il più rapidamente possibile? Perché il *diversivo* dell'annuncio dell'angelo a Maria, il suo «Sì» e lunga attesa della profezia? Se fosse arrivato già adulto, non sarebbe stato più semplice, più diretto ed efficace?

A quanto pare, interrogativi simili sono sempre esistiti, come dimostrano i brani dei Vangeli in cui Gesù viene confuso con un sovrano terreno, dal quale ci si aspetta un comportamento e un agire in linea con quel mondo. Eppure, egli prende costantemente le distanze da tutto questo: afferma che il suo regno non è di questo mondo (Gv 18, 36), insegna che i discepoli non devono imitare i potenti (Mc 10,43) e, al momento dell'arresto, piuttosto che incitare alla rivolta, esorta Pietro a rimettere la spada nel fodero (Gv 18,11).

Talvolta è difficile comprendere e accettare che questi ragionamenti e processi, così come li espone Gesù, passino attraverso categorie come la non violenza, la persuasione, la comunicazione, la sostenibilità, da intendersi nell'accezione di interiorità e approfondimento. Egli dichiara che la legge deve essere compiuta fino all'ultima virgola (Mt 5, 18): la sua scelta non è una rottura violenta con il passato, ma una trasformazione graduale verso un nuovo inizio. Questo può essere un modello adatto per chi intende combattere gli abusi e schierarsi senza compromessi dalla parte delle vittime, agendo nel loro interesse, rifiutando ogni scusa quando si tratta di smascherare reati e porre fine all'insabbiamento? Possono Gesù e la sua storia essere un riferimento per chi opera nel *safeguarding*?

Il *safeguarding* richiede una profonda comprensione dei contesti. Non basta concentrarsi sul singolo autore del reato o sulla singola vittima: entrambi sono parte di una rete complessa di relazioni e strutture. Entrambi hanno amici, colleghi e familiari, ricoprono ruoli sociali in contesti come la scuola, il lavoro, la chiesa, ecc. I loro comportamenti e le loro azioni nella sfera pubblica rispondono a regole sociali condivise. L'abuso, quindi, non avviene nel vuoto, ma all'interno di un sistema composto da persone, strutture e processi che interagiscono tra loro. Chi intende combattere e prevenire l'abuso deve confrontarsi con questo sistema. Gli interventi isolati, in definitiva, sono inutili.



Per influenzare e modificare un sistema in un'ottica di prevenzione degli abusi, è fondamentale adeguare il proprio approccio e seguire l'esempio offerto dal processo di redenzione attuato da Gesù. Questo esempio segue tre punti importanti: innanzitutto la comunicazione, poiché è solo attraverso un dialogo autentico che è possibile la comprensione reciproca e solo chi lo fa sarà disposto "a remare nella stessa direzione" (cioè, la prevenzione); a questa si affianca il consenso, ovvero un accordo profondo sugli obiettivi comuni, che è l'unico elemento capace di sostenere la motivazione anche quando le situazioni diventano difficili, complicate e conflittuali; ed infine la natura evolutiva del processo, secondo cui la disponibilità a crescere e a sviluppare la causa della prevenzione permette di reagire alle mutevoli circostanze, adottando prospettive positive e orientandosi verso visioni adeguate senza rimanere ancorati a schemi fissi.

Non solo, e neanche in misura trascurabile, Gesù ha rinnovato il mondo dalle fondamenta, senza distruggerlo, agendo attraverso i principi della comunicazione, del consenso e dello sviluppo. Su questa base, gli operatori del *safeguarding* possono aspirare, se non a cambiare il mondo intero, almeno a rafforzare positivamente il "Corpo di Cristo", inteso come la struttura sistemica della Chiesa, nell'ottica della prevenzione degli abusi.

### **Domande**

Come gestisco le frustrazioni, le battute d'arresto e le fasi di stallo nel contesto dei miei sforzi di salvaguardia? Come posso sviluppare una resilienza in questo senso?

### **Preghiera**

Signore Gesù Cristo, che con pazienza, forza e lungimiranza hai cambiato il mondo. Rendici partecipi di questa pazienza e di questa forza nel nostro impegno a rendere la Chiesa un luogo sicuro per tutti.